

O homem e o cão

[cinza]

O homem chegou da rua com seus cansaços e aborrecimentos. Vergava ao péso de suas melancolias, como quem traz um sacco as costas. Emergia de muitos infernos, áspero e amargo. Áspero, amargo é impaciente. Chegou da ru

Entardecia, mas fazia muito calor, o céu estava ~~xxxxxxx~~ mal envolto em vermelhos, roxos, plúmbeos, palpitando relampagos. O homem caminhava com sua sombra. Arrafava, daquela extenuação do dia. Carregava a custo o próprio corpo. Suava um suor ~~inferno~~, sem glória nem hinos: o das batalhas cotidianas, obscuras, mediocres. Entardecia.

Subiu a escada usada do tempo, ~~xxxx~~ por onde o conduzia apenas o hábito. Às vezes, um pequeno brilho mortiço no corrimão. A saliência de um defeito de alvenaria, na parede pintada a óleo. Vislumbres do caminho. Já no alto, a porta, vulgar, com a maçaneta bamba. Quando ia tirar a chave para abri-la, reparou que havia um cãozinho deitado no tapete grosso, pardo, no tapete de coco.

Levantaram-se para ele os olhinhos do cão. Um brilho mortiço, triste, como o do corrimão, como o da parede pintada a óleo. Duas lágrimas paradas entre as franjas do pelo encardido, confundido com a sombra, o tapete, a humildade anuladora de todo o ambiente. Duas lágrimas, esperando.

O homem queria passar, com seus cansaços e aborrecimentos, grande sacco às costas. Suas melancolias. Lyre daqueles infernos da cidade, já longe, daquele dia extenuante, de céu vermelho, roxo, plúmbeo, vergado aquele péso do próprio corpo, molhado por aquele ~~inferno~~ suor mediocre, obscuro, cotidiano, das batalhas sem glória nem hinos.

muito

E o pé do homem, aquele pé mal calçado, de sapatos fôcos, de atilhos desbotados, aquele pé ~~de sapatos fôcos~~; frequentemente furadas; aquele pé dolorido de andanças inúteis, de arrependimentos, de extravios, empurrou o cãozinho, afastou-o do tapete, sem maldade mas sem piedade, -aquele pé muito desiludido, esquecido, indiferente, humilhado de sapatos foscos, de meias velhas, de atilhos gastos, de caminhos fechados, barreiras, lama das ruas, leguas e léguas.

O cãozinho levantou-se, com certa dificuldade, sacudiu as orelhas, franjas nas franjas, encardidas, flácidas, pegajosas, olhou para ele outra vez, ele, que tirara a argola das chaves, procurava a fechadura, dava a primeira volta, a segunda... O cãozinho olhou para ele, vendo abrir-se a porta, e aparecer um pouco de luz naquele obscuro pafamar. O homem iria convidá-lo a entrar, poderia dizer-lhe: "Ven, que eu sou pobre como tu, mas posso repartir minha pobreza contigo, talvez haja um pedaço de pão, uma fatia de carne, qualquer coisa, ou apenas o canto da cozinha..." Mas o homem, de porta berta, disse apenas: ~~xxxxxx~~ "Vá-se embora daqui!" E apontou-lhe a escada. Aquela escada íngreme, escura, usada pelo tempo, que se subia ou descia pelo hábito, pelo tato, com um vago brilho súbito, no corrimão, uma incerta mancha na parede pintada a óleo. A escada cor de pó ~~xxxxxx~~ de pó

O cãozinho apressou-se, com a solicitude da pobreza, a descer por ali abaixo, sem queixa nem recurso, calado e sozinho, cabeça baixa, as lágrimas dos olhos seguras entre as franjas flácidas, encardidas, pegajosas do pelo, confundido com o lusco-fusco da tarde na escada ~~xxxxxxx~~ longa, túnel oblíquo a pender para o pequeno portão la ~~xxxxxxx~~ no fundo, na rua cinzenta.

*desido*

Mas quando o homem ia fechar a porta, viu que a alma do cão não tinha ido com ele, pela escada abaixo. A alma do cão ficara ali com seus olhos de lágrima olhando para aquele ~~homem~~ de estatura de homem, de feições humanas falando como os homens falam, vestido de homem, fazendo as ~~XXXXXX~~ coisas que os homens fazem: sofrendo suas fadigas, caminhando coridianamente entre o trabalho e a tristeza, chegando a casa, após muitas batalhas inglórias, subindo para a sua tarde humilde, num vão da cidade, foragido dos infernos da ~~XXXX~~ rua, do calor, do ruído, da hostilidade das coisas revoltas e incoerentes.

E a alma do cão, sem lhe pedir licença, entrou para a sala com ele, ficou a seus pés, humilde, só com as lágrimas do olhar sustentando-se em gotas de vidro na penumbra pardacenta.

O homem sentou-se junto à mesa, com o rosto apoiado na mão, fitando aqueles olhos insistentes. E a alma do cão suavemente lhe disse:

"...Ven comigo. Pela cidade. Por outra cidade, mais grandiosa. Não agora. Há muito tempo. Antes de teus netos e filhos. Vem, de calças curtas, de roupa a marinheira, pela mão de tua mãe, essa que está perto de ti, no retrato..." E o homem suspirou, junto ao retrato que começava a acordar na penumbra, depois dos olhos habitados à escuridão. "Ven comigo", dizia a alma do cão. Num carro puxado por cavalos. Numa avenida bordada de árvores. Tua mãe, de mãos enluvadas, pagando ao cocheiro. Tua mãe dizendo: "Que dia lindo!" Tua mãe abrindo um portão prateado. As grandes árvores. Muitos pássaros voando. As estátuas no jardim, muito brancas. Um perfume de flores abertas, novas, perfeitas. E no alto da escada de mármore, o casarão todo róseo, com vidraças recamadas de desenhos finos. E tua mãe dizendo: "Certamente, a viscondessa me ajudará. Ela é tua madrinha." E a porta estava fechada. Estátuas de bronze, em redor, sustentavam lâmpadas não acesas ainda. A varanda tranqüila desenrolava-se em mármore, límpida, imaculada. E tua mãe dizia: "Talvez ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ haja outra porta aberta". E segurando-te sempre pela mão continuava, como se flasse sozinho: "Deve haver outra porta aberta". E levava-te por aquele piso de mármore onde os passos soavam a medo, temendo ofender sua perfeição; e todas as portas estavam fechadas, ~~XXXX~~ como a do vestibulo: a do salão, a da sala de jantar, a da música, a da cozinha. Todas as portas estavam fechadas. E tua mãe precisava que a ajudassem. E começava a escurecer. E as lâmpadas nas mãos das estátuas de bronze não se acenderiam. Tua mãe batia palmas, pela varanda toda, em toda a volta. As palmas soavam, soavam, loucamente, para nada, entre mármore límpido, árvores sem ouvidos, pássaros que fugiam, estátuas sem vida. Tua mãe batia palmas. ~~Tinha tirado as luvas, que metera no cinto~~ e seus olhos começavam a assustar-se, de porta em porta, com um lado da varanda ainda com a luz do sol e o outro já com a sombra da noite. E o palácio cor de rosa, de um lado meio púrpureo e do outro já cinzento, e os perfis das estátuas de bronze mudando de expressão, e as tochas que seguravam espelhando incertamente as mudanças do sol.

E tua mãe dizendo: "Meu Deus, se ~~XX~~ não encontramos a viscondessa, agora, hoje mesmo, sem falta, que vai ser de nós...?" E tua mãe olhava para o alto do palácio, todo fechado também, - todo fechado: suas salas de reposteiros amarelos, suas longas cortinas de seda, seus inter ináveis tapetes, seus candelabros; os altos leitos lavrados, entre véus de tule, derramados em cobertas antigas; os tetos coloridos com deusas, flores, anjos, as molduras douradas, enormes, os rostos antigos, a tone da sombra, a harpa, os ramos de rosas, o pano ~~XXXXXX~~ da Índia sobre o piano, a baixela nas altas prateleiras, os biombo de Coromandel, depois os santos, grandes co-

homens, de um lado e de outro da escada, gesticulando, ~~XXXXXX~~ replandores de prata, ~~XXXXX~~ em leques pregueados...

Tua mãe batia palmas. Como se aplaudisse aquele silêncio, aquele deserto, aquela imobilidade do palácio sem socorro. E tu começavas a ter medo: da solidão, de todas aquelas coisas ali fechadas, dos santos, com seus gestos suaves mas severos; daqueles véus de baldaquinos, portas, janelas, leitos antigos, imensos como altares, daqueles tapetes onde nasciam cores de repente, conforme a luz; daquelas figuras do Oriente, com seus olhos penetrantes; daquele som de cristal que às vezes desabrochava entre os dedos; daqueles candelabros onde as chamas oscilavam tão longas, com sua folhagem de ~~ix~~ brasa e seu pequenino coração azul... ¶

O homem estava ali, mergulhado na sua pobreza como um morto dentro da terra. E a alma do cão ia dizendo ou suscitando essas lembranças, e dela se ~~via~~ via apenas as duas lágrimas que eram os olhos do cão escorraçado.

"E tua mãe tirou do cinto o pequeno relógio. Que horas eram? "Já é muito tarde. É quase noite. Vai escurecer. Não está ninguém nesta casa. E eu preciso, preciso tanto..." Tua mãe precisava que uma porta se abrisse. E porta nenhuma se abriu. E ela se encostou a uma coluna, ~~ix~~ levantou o véuzinho do rosto, levou os dedos aos olhos, limpou as lágrimas. E tu olhaste para ela, cheio de medo, Medo até de olhar para ela, e viste suas luvinhas no cinto, junto ao relógio, e seus dedos não tinham mais anéis, nem aliança, e seus dedos finos estavam picados e sulcados de facas e agulhas, e havia uma coisa, no ar, que pesava imensamente, -angústia, melancolia, segredo, um peso de terra, de montanha, de mundo, céu, vida. Maior, maior.

E tua mãe murmurava: "Nem o jardineiro... Ninguém... Não podemos ficar aqui. Daqui a pouco é noite, Como vamos voltar...?" E tudo foi ficando para trás ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ palácio, varanda, estátuas, jardins, portão... E a rua foi sendo um caminho cinzento, muito longo, muito duro... E passavam rodas de carros... sapatos... boeiros... degraus... pedras... E a voz de tua mãe vinha lá de cima: "Que tristeza! Não haver uma porta! uma porta aberta..." E levantavas os olhos, e havia os olhos de tua mãe, que brilhavam de um modo estranho, e havia mais longe as estrelas, entre nuvens brancas como nunca tinhas visto: nuvens de mármore, janelas do céu, cortinas, os santos gesticulando, candelabros, camas tão grandes, como altares, e os olhos dos chineses e as figuras da Índia..."

Então, o homem ficou muito mais triste, e toda aquela cansaço com que chegara da rua, aquele cansaço de subir a escada, aquele suor da tarde quente, do caminho monótono, da batalha cotidiana, aquela fadiga obscura do andar constante e incerto, ~~incerto~~ e sem esperança, tudo aquilo não era nada, diante da outra isensa, pesada melancolia que vinha como do princípio do mundo, que havia dormido tanto tempo, quantos séculos, desde quando? e agora ali estava, com sua roupa a marinheira, suas calças curtas, um tilburi, a tarde na cidade grandiosa, os pássaros nas árvores imensas, a varanda toda pura, lisa, branca, sem ninguém--as estátuas de bronze, as lampadas sem luzes, as janelas de vidros recamados, e as mãos de sua mãe, pequenas, brancas, finas, com uma pele de magnólia, picadas de agulhas e riscadas de facas, a baterem palmas, palmas, palmas em redor da casa de ~~ix~~ sua madrinha a viscondessa ausente.

Oh, nada era tão triste, agora, como aquela tarde, aquela inutilidade, aquele bater de palmas diante de uma casa surda, uma casa onde as vezes seus olhos de criança passeavam felizes, descobrindo lugares, sonhos, idéias, viajando cidades de seda, jardins bordados, noites de laca negra estreladas de madrepérola---Índia, China, Coromandel... E sua madrinha que chegava com um sorriso que era mesmo uma pequena rosa, e que lhe estendia os braços, e que lhe afagava os cabelos, e que o levava como uma aparição por entre paredes de ouro, sem que ele pudesse pensar nada, excedido pelo que via, sem tempo de imaginar.

A alma do cão estava ali, a seus pés, <sup>humilde.</sup> O homem afundou a cabeça nos braços, e deixou que sua alma chorasse também, tudo, ~~xxx~~ para sempre.

Que aconteceu depois? Que ausência na escola?  
Por que sua mãe foi tão longe, a procura de um  
auxílio? ~~fulgor certo?~~

Tudo se tornou, e não mais nada. Aquela  
tarde ficou no meio de sua vida, despreendida  
de acontecimentos antes e depois, bela e  
tudo como um grande monumento no  
meio alto e enigmático, no meio de  
uma cidade massada.

Sua mãe... A vitcondessa... Havia  
apenas retratos, já muito vagos.